

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



PAULO COELHO
O
DEMÔNIO
E A Srta. PRYM

PA
RA
LÉ
A

Outros títulos de Paulo Coelho:

O Alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O diário de um mago

A espiã

Maktub

Manual do guerreiro da luz

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei

Onze minutos

Veronika decide morrer

Copyright © 2000 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e <?>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

O demônio e a srta. Prym / Paulo Coelho. — 1ª ed.
— São Paulo : Paralela, 2017.

ISBN 978-85-8439-111-0

1. Ficção brasileira I. Título.

18-14201

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Certo homem de posição perguntou-lhe:
Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?
Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom?
Ninguém é bom, senão um só, que é Deus.*

Lucas 18,18-9

Antes de começar

A primeira história sobre a Divisão nasce na antiga Pérsia: o deus do tempo, depois de haver criado o Universo, dá-se conta da harmonia à sua volta, mas sente que falta algo muito importante — uma companhia com quem desfrutar toda aquela beleza.

Durante mil anos ele reza para conseguir ter um filho. A história não diz para quem ele pede algo, já que é todo-poderoso, senhor único e supremo; mesmo assim ele reza, e termina engravidando.

Ao perceber que conseguiu o que queria, o deus do tempo fica arrependido, consciente de que o equilíbrio das coisas era muito frágil. Mas é tarde demais — o filho já está a caminho. Tudo que ele consegue com seu pranto é fazer com que o filho que trazia no ventre se divida em dois.

Conta a lenda que, assim como da oração do deus do tempo nasce o Bem (Ormuz), do seu arrependimento nasce o Mal (Arimã) — irmãos gêmeos.

Preocupado, ele arranja tudo para que Ormuz saia primeiro do seu ventre, controlando o seu irmão, e evita que Arimã cause problemas ao Universo. Entretanto, como o Mal é esperto e capaz, consegue empurrar Ormuz na hora do parto, e vê primeiro a luz das estrelas.

Desolado, o deus do tempo resolve criar aliados para Ormuz: faz nascer a raça humana, que lutará com ele para dominar Arimã, e evitar que este tome conta de tudo.

Na lenda persa, a raça humana nasce como aliada do Bem e, segundo a tradição, irá vencer no final. Outra história sobre a Divisão, entretanto, surge muitos séculos depois, dessa vez com uma versão oposta: o homem como instrumento do Mal.

Penso que a maioria sabe do que estou falando: um homem e uma mulher estão no jardim do Paraíso, gozando todas as delícias que possam imaginar. Só existe uma única proibição — o casal jamais pode conhecer o que significa Bem e Mal. Diz o Senhor Todo-Poderoso (Gn 2,17): *“Da árvore do conhecimento do Bem e do Mal não comerás”*.

E um belo dia surge a serpente, garantindo que esse conhecimento era mais importante que o próprio Paraíso, e eles deveriam possuí-lo. A mulher recusa-se, dizendo que Deus a ameaçou de morte, mas a serpente garante que, no dia em que souberem o que é Bem e Mal, serão iguais a Deus.

Convencida, Eva come o fruto proibido, e dá parte dele a Adão. A partir daí, o equilíbrio original do Paraíso é desfeito, e os dois são expulsos e amaldiçoados. Mas existe a frase enigmática, dita por Deus, que dá toda razão à serpente: *“Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do Bem e do Mal”*.

Também nesse caso (igual ao do deus do tempo que reza pedindo algo, embora seja o senhor absoluto) a Bíblia

não explica com quem o Deus único está falando, e — se ele é único — por que está dizendo algo como “*um de nós*”.

Seja como for, desde suas origens a raça humana está condenada a se mover na eterna Divisão entre os dois opostos. E aqui estamos nós, com as mesmas dúvidas dos nossos antepassados; este livro tem como objetivo abordar o tema usando, em certos momentos de seu enredo, algumas lendas sobre o assunto, semeadas pelos quatro cantos da Terra.

Com *O demônio e a srta. Prym* eu concluo a trilogia “E no sétimo dia...”, da qual fazem parte *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei* (1994) e *Veronika decide morrer* (1998). Os três livros falam de uma semana na vida de pessoas normais, que subitamente se veem confrontadas com o amor, a morte e o poder. Sempre acreditei que as profundas transformações, tanto no ser humano como na sociedade, ocorrem em períodos de tempo muito reduzidos. Quando menos esperamos, a vida coloca diante de nós um desafio para testar nossa coragem e nossa vontade de mudança; nesse momento, não adianta fingir que nada acontece ou dar a desculpa de que ainda não estamos prontos.

O desafio não espera. A vida não olha para trás. Uma semana é tempo mais que suficiente para sabermos decidir se aceitamos ou não o nosso destino.

PAULO COELHO

Buenos Aires, agosto de 2000

Há quase quinze anos, a velha Berta sentava-se todos os dias diante da porta de casa. Os habitantes de Viscos sabiam que as pessoas idosas normalmente agem assim: sonham com o passado e a juventude, contemplam um mundo do qual não fazem mais parte, procuram assunto para conversar com os vizinhos.

Berta, porém, tinha uma razão para estar ali. E sua espera terminou naquela manhã, quando viu o estrangeiro subir a ladeira íngreme e dirigir-se lentamente em direção ao único hotel da aldeia. Não era como o havia imaginado tantas vezes; sua roupa estava gasta pelo uso, tinha o cabelo mais comprido do que o habitual e a barba por fazer.

Mas vinha com sua companhia: o demônio.

“Meu marido tem razão”, disse para si mesma. “Se eu não estivesse aqui, ninguém teria percebido.”

Era péssima para calcular idades, por isso estimou que tivesse entre quarenta e cinquenta anos. “Um jovem”, pensou, usando esse referencial que só os velhos conseguem entender. Perguntou silenciosamente quan-

to tempo ele ficaria por ali, e não chegou a nenhuma conclusão; talvez pouco tempo, já que só trazia uma pequena mochila. Era mais provável que permanecesse apenas uma noite, antes de seguir adiante, para um destino que ela não sabia e não lhe interessava.

Mesmo assim, valeram todos os anos em que ficou sentada diante da porta de sua casa aguardando sua chegada, pois lhe ensinaram a contemplar a beleza das montanhas — coisa que nunca notara, pelo simples fato de ter nascido ali e estar acostumada à paisagem.

Ele entrou no hotel, como era de esperar. Berta considerou a possibilidade de falar com o padre a respeito daquela presença indesejável: mas ele não lhe daria ouvidos, dizendo que aquilo era coisa de gente idosa.

Bem, agora restava ver o que acontecia. Um demônio não precisa de tempo para causar estragos — assim como as tempestades, os furacões e as avalanches que conseguem destruir, em algumas horas, árvores que foram plantadas há duzentos anos. De repente, dava-se conta de que o simples conhecimento de que o Mal acabava de entrar em Viscos em nada mudava a situação; demônios chegam e partem, sempre, sem que necessariamente algo seja afetado pela presença deles. Estão constantemente caminhando pelo mundo, às vezes apenas para saber o que está acontecendo, outras vezes para testar esta ou aquela alma, mas são inconstantes e mudam de alvo sem qualquer lógica, guiados apenas pelo prazer de uma batalha que valha a pena. Berta achava que Viscos não tinha

nada de interessante ou especial para atrair a atenção de quem quer que fosse por mais de um dia — quanto mais alguém tão importante e ocupado como um mensageiro das trevas.

Tentou concentrar-se em outra coisa, mas a imagem do estrangeiro não lhe saía da cabeça. O céu, antes ensolarado, começou a ficar carregado de nuvens.

“Isso é normal, sempre acontece nesta época do ano”, pensou. Nenhuma relação com a chegada do estrangeiro, apenas uma coincidência.

Então ouviu o ruído longínquo de um trovão, seguido de mais outros três. De um lado, isso queria dizer que a chuva estava a caminho; por outro lado, se resolvesse acreditar nas antigas tradições do lugarejo, poderia interpretar aquele som como a voz de um Deus irado, reclamando que os homens haviam se tornado indiferentes à Sua presença.

“Talvez eu deva fazer alguma coisa. Afinal, o que eu estava esperando acaba de chegar.”

Ficou alguns minutos prestando atenção a tudo que se passava à sua volta; as nuvens continuaram a descer sobre a cidade, mas não tornou a escutar nenhum ruído. Como boa ex-católica, não acreditava em tradições e superstições, principalmente as de Viscos, que tinham suas raízes na antiga civilização celta que um dia habitara o local.

“Um trovão é apenas um fenômeno da natureza. Se Deus quisesse falar com os homens, não iria usar meios tão indiretos.”

Foi pensar nisso e escutar de novo o barulho de um raio — dessa vez, bem mais próximo. Berta levantou-se,

recolheu a cadeira e entrou antes que a chuva começasse a cair — mas agora seu coração estava apertado, com um medo que não conseguia definir.

“O que devo fazer?”

Tornou a desejar que o estrangeiro partisse logo; estava velha demais para poder ajudar a si mesma, à sua aldeia, ou — principalmente — ao Senhor Todo-Poderoso, que, no caso de precisar de apoio, teria certamente escolhido alguém mais jovem. Tudo aquilo não passava de um delírio; na falta do que fazer, seu marido ficava tentando inventar coisas para ajudá-la a passar o tempo.

Mas que havia visto o demônio — ah, disso ela não tinha a menor dúvida.

Em carne e osso, vestido de peregrino.

O hotel era ao mesmo tempo uma loja de produtos regionais, um restaurante de comidas típicas e um bar onde os habitantes de Viscos costumavam se reunir para discutir as mesmas coisas — como o tempo ou o desinteresse dos jovens pela aldeia. “Nove meses de inverno, três meses de inferno”, costumavam dizer, referindo-se ao fato de precisarem fazer, em apenas noventa dias, todo o trabalho de aragem do campo, adubação, semeadura, espera, colheita, armazenagem de feno, corte de lã.

Todos que moravam ali sabiam que estavam insistindo em viver em um mundo que já havia terminado; mesmo assim, não lhes era fácil aceitar que faziam parte da última geração de agricultores e pastores que há séculos povoavam aquelas montanhas. Mais cedo ou mais tarde chegariam as máquinas, o gado seria criado longe dali, com ração especial, o vilarejo talvez fosse vendido para uma grande firma, com sede num país estrangeiro, que o transformaria em uma estação de esqui.

Isso já havia acontecido com outras cidades da região, mas Viscos resistia — porque tinha uma dívida com seu passado, com a forte tradição dos ancestrais que habita-

ram um dia aquele local, e que tinham ensinado como é importante lutar até o último minuto.

O estrangeiro leu cuidadosamente a ficha do hotel, decidindo como iria preenchê-la. Pelo seu sotaque, saberiam que teria vindo de algum país da América do Sul, e decidiu que seria Argentina, porque gostava muito de sua seleção de futebol. A ficha pedia o endereço, e ele escreveu rua Colômbia, deduzindo que os sul-americanos costumam homenagear-se mutuamente dando nomes de lugares importantes aos países vizinhos. Como nome, escolheu o de um famoso terrorista do século passado.

Em menos de duas horas, todos os duzentos e oitenta e um habitantes de Viscos já sabiam que acabava de chegar ao vilarejo um estrangeiro chamado Carlos, nascido na Argentina, que morava na aprazível rua Colômbia, em Buenos Aires. Esta era a vantagem das cidades muito pequenas: não é preciso fazer nenhum esforço para que logo descubram tudo sobre a sua vida pessoal.

O que, aliás, era a intenção do recém-chegado.

Subiu ao seu quarto e esvaziou a mochila: trazia algumas poucas roupas, um aparelho de barbear, um par de sapatos extra, vitaminas para evitar resfriados, um grosso caderno onde fazia suas anotações e onze barras de ouro pesando dois quilos cada uma. Exausto pela tensão, pela subida e pelo peso que carregava, dormiu quase imediatamente, não sem antes colocar uma cadeira escorando a

porta, mesmo sabendo que podia confiar em cada um dos duzentos e oitenta e um habitantes de Viscos.

No dia seguinte, tomou o café da manhã, deixou as roupas na portaria do pequeno hotel para que fossem lavadas, recolocou as barras de ouro na mochila e saiu em direção à montanha que ficava a leste da aldeia. No caminho, viu apenas um habitante do local, uma velha sentada diante de sua casa, que o observava com ar curioso.

Embrenhou-se na floresta, e esperou até que seus ouvidos se acostumassem ao barulho dos insetos, dos pássaros e do vento batendo nos galhos sem folhas; sabia que, num lugar como aquele, podia estar sendo observado sem que notasse, e ficou quase uma hora sem fazer nada.

Quando teve certeza de que um eventual observador já se teria cansado e ido embora sem nenhuma novidade para contar, cavou um buraco perto de uma formação rochosa em forma de Y e escondeu uma das barras ali. Subiu mais um pouco, ficou outra hora como se contemplasse a natureza em profunda meditação, viu outra formação rochosa — dessa vez parecida com uma águia — e cavou um novo buraco, onde colocou as dez barras de ouro restantes.

A primeira pessoa que o viu, no caminho de volta para a cidade, foi uma moça sentada à beira de um dos muitos rios temporários da região, formados por geleiras que se derretiam. Ela levantou os olhos do livro que es-

tava lendo, percebeu sua presença e retornou à leitura; com toda certeza, sua mãe lhe havia ensinado a nunca dirigir a palavra a um estranho.

Os estranhos, porém, quando chegam a uma cidade nova, têm o direito de tentar fazer amizade com desconhecidos, e ele aproximou-se.

— Olá — disse. — Está muito quente para esta época do ano.

Ela concordou com a cabeça.

O estrangeiro insistiu:

— Gostaria que você viesse olhar algo.

Ela deixou educadamente o livro de lado, estendeu a mão e apresentou-se:

— Meu nome é Chantal. Na parte da noite trabalho no bar do hotel onde você está hospedado, e estranhei que não tivesse descido para jantar, já que um hotel ganha não só no aluguel de um quarto, mas em tudo que é consumido pelos hóspedes. Você é Carlos, da Argentina, que mora numa rua chamada Colômbia; todos na cidade já sabem disso, porque um homem que chega aqui, fora da temporada de caça, é sempre objeto de curiosidade. Um homem de aproximadamente cinquenta anos, cabelos grisalhos, olhar de quem já viveu muito.

“Quanto ao convite para olhar algo, eu agradeço, mas conheço a paisagem de Viscos de todos os ângulos possíveis e imagináveis; talvez seja melhor eu mesma mostrar-lhe lugares que nunca vi, mas penso que deve estar muito ocupado.”

— Tenho cinquenta e dois anos, não me chamo Carlos, todos os dados do registro são falsos.

Chantal ficou sem saber o que dizer. O estrangeiro continuou:

— Não é Viscos que quero lhe mostrar. É algo que você nunca viu.

Ela já lera muitas histórias de moças que decidem seguir um estranho para o meio da floresta e desaparecem sem deixar rastros. Por um momento, sentiu medo; e o medo logo foi substituído pela sensação de aventura — afinal de contas, aquele homem não ousaria fazer nada com ela, pois acabava de dizer que todos na cidade já sabiam tudo de sua presença, mesmo que os dados no registro não correspondessem à realidade.

— Quem é você? — perguntou. — Se o que está me dizendo agora é verdade, não sabe que posso denunciá-lo à polícia por falsificar sua identidade?

— Prometo responder a todas as suas perguntas, mas antes você tem que vir comigo, pois desejo lhe mostrar algo. Está a cinco minutos de caminhada daqui.

Chantal fechou o livro, respirou fundo e fez uma prece silenciosa, enquanto seu coração misturava excitação e medo. Em seguida, levantou-se e acompanhou o estrangeiro, certa de que este era mais um momento de frustração em sua vida, que sempre começava com um encontro cheio de promessas para logo revelar-se como mais um sonho de amor impossível.

O homem foi até a pedra em forma de Y, mostrou a terra recém-escavada e pediu que ela descobrisse o que estava enterrado ali.

— Vou sujar minhas mãos — disse Chantal. — Vou sujar minha roupa.

O homem pegou um galho, quebrou-o, e entregou-lhe para que ela escavasse a terra. Ela estranhou aquele comportamento, mas resolveu fazer o que ele lhe pedia.

Cinco minutos depois, Chantal tinha diante de seus olhos a barra amarelada e suja.

— Parece ouro — disse.

— É ouro. E é meu. Por favor, torne a cobri-lo com terra.

Ela obedeceu. O homem levou-a até o outro esconderijo. De novo ela tornou a escavar, e dessa vez ficou surpresa com a quantidade de ouro diante dos seus olhos.

— Também é ouro. E também é meu — disse o estrangeiro.

Chantal preparava-se para cobrir de novo o ouro com terra quando ele pediu que deixasse o buraco como estava. Sentou-se numa das pedras, acendeu um cigarro e ficou olhando o horizonte.

— Por que quis me mostrar isso?

Ele não disse nada.

— Quem é o senhor, afinal? E o que faz aqui? Por que me mostrou isso, sabendo que eu posso contar a todos o que está escondido nesta montanha?

— Muitas perguntas ao mesmo tempo — respondeu o estrangeiro, mantendo os olhos fixos na montanha, como se ignorasse sua presença ali. — Quanto a contar aos outros, é justamente isso que quero que faça.

— O senhor prometeu que, se eu viesse, me responderia qualquer coisa.

— Em primeiro lugar, não acredite em promessas. O mundo está cheio delas: riqueza, salvação eterna, amor in-